

COMENTARIOS

ALTERAÇÕES NOS TIPOS DE POVOAMENTO NO ESTADO DE S. PAULO (*)

O autor, que muito já tem escrito sobre o Brasil, duas vezes por ele visitado e percorrido, publica um artigo cujo teor se acha contido na primeira frase: "Um dos temas persistentes da geografia do Brasil, diz ele, é a frouxidão do laço que liga a população à terra."

E' esta a tese que, nos seus estudos sobre o nosso país, vem sustentando o conhecido geógrafo com uma documentação satisfatória e um conhecimento pessoal dos casos que examina.

O artigo em apreço, publicado em Julho de 1938, é uma aplicação do tema ao Estado de São Paulo. E' acompanhado de dois excelentes mapas estatísticos dos municípios do Estado.

E' normal que num país novo certas regiões ofereçam focos de atração de população imigrada, mas parece anormal que o povoamento se faça à custa das regiões vizinhas, no mesmo país. Talvez seja um dos resultados da colonização por meio de grandes domínios rurais; traduz, em todo caso, uma certa instabilidade na ocupação do solo.

Na formação das cidades, pensa o geógrafo norte-americano, em parte nenhuma encontra-se como no Brasil um contraste maior entre o meio rural e o meio urbano.

1 — *A distribuição atual da população* — Entre 1920 e 1934, a população do Estado de São Paulo passou de 4 1/2 milhões de almas a 6 1/2. Dois aspectos deste crescimento oferecem especial interesse: a sua localização diferente no espaço e sua deslocação no tempo, no decorrer destes quatorze anos.

No primeiro caso, verifica-se como se acha distribuída a população pelos vales, na zona da Serra do Mar, pelas alturas nas vizinhanças de Minas, pelas lombadas entre bacias fluviais no interior diabásico; salientam-se os espaços vazios, na costa principalmente.

Quanto ao segundo caso, é a interpretação do crescimento demográfico dos municípios na marcha para oeste, porém, em condições muito especiais que estuda Preston James.

2 — *A Zona da fronteira* — Esta conquista do sertão para oeste é revelada pelo crescimento da população na chamada "zona da fronteira". Neste movimento distinguiu o autor dois períodos: a) A continuação do processo que se vinha manifestando desde 1850: a tradicional penetração dos colonos com a extensão dos cafezais que, partidos das vizinhanças de Campinas, se alastravam em grandes fazendas nas terras privilegiadas. b) A partir de 1928, com as limitações impostas e a política de controle dos preços, a mudança que se operou foi: em vez da fazenda, passa a ser a pequena propriedade rural do imigrante o tipo da nova ocupação. Os recém-chegados, aliás, nem todos são imigrantes estrangeiros; o Nordeste e Baía também enviam fortes levas de ocupantes. A nova política do café a partir de 1937 ainda vem acentuar estas condições da lavoura, restringindo os proveitos da monocultura cafeeira.

(*) (Artigo do Dr. Preston E. James, Professor da Universidade de Michigan, publicado na "The Geographical Review", vol. XXVII n. 3).

A terra de promessa parece abrir-se então, ao algodão que, de 72 mil hectares em 1932, passa a ocupar, três anos depois, 653 mil hectares. Há como um ensilhamento na região, e Marília, o novo posto avançado da civilização, surge em 1930 e cresce febrilmente.

Em conexão com este movimento, salienta-se o episódio da colonização japonesa, que representa 18 % da população nova, mas que cultiva nada menos de 46 % das plantações de algodão.

3 — *Areas de rápido crescimento de população* — Mais acentuado ainda do que o crescimento da zona fronteira foi o do centro paulistano da capital. Passou a população da cidade de cerca de 600 mil almas a mais de um milhão. Resultou este desenvolvimento de uma dupla causa: a localização de grande número de imigrantes que, em vez de procurar o campo, preferiram a cidade e a colocação de grandes capitais, obtidos por meio de vendas de fazendas de café, no campo mais especulativo das empresas industriais. De outro lado, o mercado brasileiro vai se abrindo cada vez mais aos produtos da indústria paulista.

Há centros menores de desenvolvimento industrial que concentram população como Sorocaba e também Campinas. Ao redor destes núcleos, desenvolve-se uma certa agricultura de frutas, legumes e jardinagem para o abastecimento local.

Na zona litorânea, além do crescimento de Santos, a cultura em larga escala das frutas (bananas e laranjas) tem concentrado atividades em vista, principalmente, da exportação.

Por fim, nota o autor, que na zona da Serra da Mantiqueira, a bacia elevada de Campos do Jordão é também um foco de atração em progresso, como estação climática.

4 — *Areas de população decrescente* — E' na zona cafeeira que o declínio é mais marcado, mesmo nas manchas de terra roxa. A atração do algodão, nas zonas novas, e da indústria, nas cidades, tende a drenar capitais e trabalho. Os fazendeiros estão sendo abandonados pelos colonos ao findar dos contratos. Daí, um abandono de 20 % das plantações de café em 1935-36.

Já era isso fenômeno conhecido na velha zona do Paraíba, menos fértil e mais esgotada. Continuou, em 1920-34, o movimento, apesar da criação, da cultura de arroz e da importância da estrada de rodagem.

5 — *Relação do tipo de povoamento com estradas de ferro e de rodagem* — Não é das menores originalidades que oferece o trabalho de Preston James a relação que este geógrafo procura estabelecer entre o tipo normal de povoamento e a estrada de penetração, a encruzilhada, os pontos de junção e os terminais. O tipo paulista de penetração é *tentacular* na parte mais recente de seu desenvolvimento; na parte mais antiga foi a estrada de ferro precedida pelo caminho, pelo rio, pela picada. Os três caminhos históricos pela Serra do Mar, levando do vale do Paraíba para Paratí, Ubatuba e São Sebastião, declinaram em importância depois da construção da E. F. Central. O caminho de Santos, ao contrário, foi reforçado pelos trilhos, e Campinas continuou a ser um ponto importante de irradiação das linhas de penetração.

Outros pontos ganharam por motivos diferentes: Sorocaba, como feira de gado, por exemplo.

"Mas, hoje em dia, nota Preston James, a junção ferroviária entre as linhas de loeste e a linha para o sul — uma das mais importantes do Brasil — se acha numa paisagem rural sem um só vestígio de desenvolvimento urbano. Do mesmo modo outras junções não desenvolvidas no Estado e muito comuns no sul-este do Brasil podem ser observadas. E' um claro reflexo da importância relativamente pequena do comércio interno nas partes rurais do Brasil."

Ele nota também certas particularidades da pequena indústria. Ela se acha espalhada pelo país por falta de transportes baratos e pelo baixo poder aquisitivo das populações, contentando-se com "miniaturas de mercados", limitadas e locais.

6 — *O Problema dos "vácuos" no povoamento* — Com os seus 6 1/2 milhões de habitantes, apenas, depois de quatro séculos de ocupação do território, São Paulo oferece o espetáculo de "vácuos" no seu povoamento, com certos territórios abandonados pela população. E' a isso que deviam levar as tradições demográficas de um sistema baseado sobre a grande propriedade rural e as relações de fazendeiro a colono imigrado. Daí, a falta de uma certa permanência na ocupação do solo.

Mas as terras de loeste sempre atraíram a colonização e o imigrante desejoso de ser pequeno proprietário. Daí, um movimento para o sertão com alguns sintomas de maior estabilidade. Ainda hoje, entretanto, a cultura do algodão dá a este movimento de marcha para loeste um aspecto de especulação. De outro lado, a fazenda de café está sendo prejudicada pela falta de braços, resultante de uma restrição da imigração. Vinte por cento dos cafezais foram abandonados.

O autor culpa deste estado de cousas a mudança que se está operando no próprio espírito do Mundo Ocidental. Os colonos, em São Paulo, como alhures, procuram menos a liberdade do que o lucro. E' o algodão que atrai, no momento, não porque seja ocupação rural, mas porque dá dinheiro. Não é a vocação, a vida rural, a liberdade social, a estabilidade da lavoura que interessa ao colono estrangeiro. São Paulo não escapou, de 1920 a 1934, a esta regra geral da migração: o problema da localização permanente das populações, nas zonas agrícolas, ainda está por resolver.

D. de C.
